

O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.



Preços: (com estampilha)
Anno, 3,540 réis — Semestre, 1,770 réis —
Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)
Anno, 3,000 réis — Semestre, 1,500 réis —
Trimestre, 800 réis.

NUMERO 147

SEXTA-FEIRA 28 DE NOVEMBRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

A opposição tem-se alevantado clamorosamente na imprensa, alcançando de imperdoáveis desperdícios as despesas que se acabam de fazer com o duque de Saldanha, para movel-o a aceitar o logar que lhe foi confiado perante o governo pontifício, e não menos para a sustentação convenientemente decorosa da alta posição que vae occupar.

Falla-se na enormidade de sommas que foi necessario entregar, e prometter ao nobre duque para persuadi-lo a ir a Roma. Diz-se mais que o governo despreciosamente para os interesses publicos, e sómente para se ver livre da opposição que lhe era feita pelo duque de Saldanha, ou da qual tinha serias apreensões, compromettera e esbanjara quantias que nos espantam.

A opposição, que antes entoava hymnos ao duque, viu na sua resolução menos devotação de animo pela causa publica, e mais ou menos abertamente se anda carpiando em sentidas nenias pela ausencia do vulto que resumia as suas melhores esperanças.

Parece que transformou muitos planos a falta do illustre personagem. Mas sobrevenem novos sustos, que mesmo se não occultam.

A opposição apregoa que a ariete das graças ministeriaes vae batendo violentamente o patriotismo dos outros chefes politicos.

Hoje é o sr. conde de Thomar que é instado com muitas honras, e larguezas pecuniarias, para mudar a sua residencia para uma côrte estrangeira, amanhã os srs. Fontes, e Avila.

Não ha outro meio de persuadir os illustres estadistas a resistir ás sugestões do gabinete, senão exaltar-lhes a nobreza do character, a rigidez de principios, a pureza de intenções. E' o que tem feito a opposição.

Não cessa de lamentar o abysmo em que nos affundiremos, se a ausencia dos seus chefes, levando a confusão e odesalento ás turmas abandonadas, deixar o campo livre ao ministerio nefasto.

Não sabemos quanto custou ao paiz a saída do sr. duque de Saldanha; mas não podemos occultar que a transacção, que o governo fez com elle para aquelle fim, deve-nos ter ficado excessivamente cara.

Não sabemos dar ás cousas senão o seu verdadeiro nome, e com o sr. duque nunca se pactuou em politica se não por subido preço. Nem contestamos, nem deixamos de acreditar nas repulsas do sr. Fontes e dos outros chefes, mas é para nós fora de duvida que o acrisolado amor da patria, que por ali geralmente em muitos se apregoa, não passa de uma ficção.

Sobja esperiencia, temos nós do que são os homens. Nos mais famosos catões de nossos dias vereis pela maior parte das vezes a capa do estoicismo a cobrir-lhes tanta ambição e orgulho, que sobrepujam a muitos que se apresentam sem mascara. Estão assim da medida commun é verdade; só custa mais a inclinar para ficarem satisfeitos. Por isso hão de relevar-nos que não demos inteira fé aos vaticinios de quem profetiza os seus desejos.

O tempo dará razão do que escrevemos a quem se não contentar com os exemplos contemporaneos. E' certo porem que muito desgraçado é o paiz em que os governos se vêem obrigados a desviar de este modo a má sombra de seus adversarios. E' desgraçadissimo sobre tudo, quando em um estado de finanças tão deploravel como o nosso, em que a nação se acha em frente de uma divida tão descommunal que cada dia desmesuradamente está crescendo, se desperdiçam avultadas sommas, e com tão errado emprego.

E' uma verdadeira fatalidade para este paiz. Quando o povô vê que á custa de muito suor e fadigas contribue para as despesas da nação, e por fim sabe que uma somma que podia fazer o bom patrimonio de muitas familias, ou empregar-se em obras de grande melhoramento publico, é entregue a um particular, para ser consumida esterilmente no fausto de poucos dias, não ha consideração que possa afugentar o desalento, e a decrença sobre o nosso futuro.

Seria pois este o unico meio que o governo tinha para assegurar a tranquillidade do paiz, e poder lidar sem obstaculos na boa governação publica? Não poderia caminhar-se pelas vias da civilização, e do progresso, sem envidar tão grande sacrificio?

E' possivel que assim o entendesse o governo. E' possivel mesmo que assim fosse; mas muito grande é a sua responsabilidade em presença desta resolução. A altura do sacrificio sómente pode

ser resgatada com a excellencia de medidas governativas.

Mas que ha ali que estranhar em se mandar a Roma um representante nosso? Nada ha no encargo, porém no homem ha muito.

Uma das condições da boa administração é a bondade do serviço e a sua barateza. Mas quantos havia ali no paiz que serviriam como o duque, e talvez mais proficientemente, o encargo em Roma?

Avaliaes em muito para o brio nacional a representação social do individuo? Mas não é ella que trata os negocios.

Quando Portugal tinha chegado ao apogeu de suas glorias, não se pejava de mandar a Roma homens que não podiam em representação hombrar com o duque. Escolhia-se o talento e não a pessoa. Tinhamos o atrazo de alguns seculos.

Organizou-se em Lisboa uma associação politica, que segundo o que parece tem por fim auxiliar o governo.

E' certo que já tem havido diversas reuniões no edificio em que se inaugurou, e que alguns ministros e pessoas que se suppoem aliadas á politica do actual ministerio, tem concorrido a ella.

Alguns adversarios do governo não levam a bem esta associação, reputando-a exotica no campo das verdadeiras praticas governativas. Outros veem nella o testemunho autentico da fraqueza ministerial, pois que os homens do governo se abaixaram até ao ponto de pedir auxilio e guarida ao seio d'uma associação popular.

Pois o gabinete a quem a lei dá todos os meios de bem governar carece de protecção alheia para se apoiar na opinião publica? Não é a natureza de seus actos que lhe afeiçoa ou aliena as vontades?

A consciencia da sua fraqueza é sem duvida quem o move a socorrer-se de protecções que por sua novidade tanta estranheza causam.

Não sabemos se estas reflexões são feitas com toda a boa fé e com toda a sinceridade de intuios; mas não podemos achar razão para tamanho espanto. Antes nos parece que a inovação revela boas intenções no governo. Se elle seguir um máo caminho, já mais poderá isso atribuir-se á nova associação, se ella se não desviar da senda por onde lhe cumpre marchar.

Mas é um paradoxo insustentavel que o governo não deva descer a uma associação particular, para entreter-se em questões politicas, esclarecer assumptos, motivar providencias mal comprehendidas, douctrinar suas ideias e aspirações, e ouvir mesmo as opiniões alheias de que não poucas vezes poderá receber modificação salutar, e bom auxilio para as suas.

Com isto não queremos dizer que pela publicidade se comprometam os negocios graves do gabinete; mas achamos incontestavel a utilidade da discussão até entestar com elles. Se os governos não devem ter outro fim senão o bem governar, não vemos em tudo isto mais que um novo meio, e muito proficuo, de chegar a elle.

Se a associação denominada — o Centro Progressista — em vez de se transviar com protecções facciosas ao governo, se occupar com a discussão das nossas verdadeiras questões economicas e sociaes, com a resolução dos problemas importantes que prendem substancialmente com a administração publica, e com o progresso e engrandecimento, do paiz, temos como certo que a associação fará muitos e valiosos serviços.

ABUSOS DE LIBERDADE DA IMPRENSA MADEIRENSE

Com esta designação, em um numero atrazado deste periodico desenvolvemos uma oportuna censura ao jornalismo madeirense pelas inconveniencias, de que se constitue pregoeiro; e restringindo então a mera generalidade essa censura, praz-nos hoje dilatal-a com especificar casos, que importam a este mesmo designio.

A aggressão, que um periodico d'aquella ilha fez á inviolabilidade do nosso monarcha, deu lugar, a que o M. P. intentasse a punidade do crime pela querella respectiva; e chamado a responder em audiencia o reu deste novo attentado resultou, como já dissemos, a sua absolvição!

Esta irregularidade, tão pouco vulgar nos nossos tribunales, parece que devêra suscitar a reprehensão de toda a imprensa, particularmente da local. Assim é que ella mostrava ser atalaia das conveniencias publicas. No entretanto em vez d'um procedimento, que por obrigatorio e natural nem a menção publica merecia, constitue-se

hoje na necessidade della o opposto proceder de uma imprensa menos zelosa pela sua reputação.

As diligencias empregadas pela auctoridade publica, para o effeito de punir a temeridade de uma folha periodica, que levava o seu descurar pelos creditos proprios, ao ponto de invadir com os seus insultos grosseiros o throno sempre acatado pelo bom senso de um publico amigo da ordem, foram por maneira combatidas pela restante imprensa da Madeira, em conluio indecoroso para a defeza dos desacatos de um collega, que em nome da sensatez jornalistica, e como protesto a estes desvarios d'uma instituição sagrada, vamos chamar sobre elles a condemnação publica, a mais enérgica reprovação do paiz.

A imprensa madeirense, occupada sempre em mexericos e em calumnias sordidas sem significação, não merecia talvez, attento ainda mais o cunho d'ignorancia, com que se recommendam todas as suas obras, determinar irritação em gente séria. No entretanto como por esta via se obtém o chamar a attenção do governo sobre os desacatos e desacatos, que essas fezes d'um grande principio social por ali vão multiplicando, por isso nos entregamos a um trabalho correctivo do maior aborrecimento.

Como iamoz dizendo, o procedimento de um periodico madeirense, que em toda a plenitude da audacia d'um ignorante affronta os preceitos da Carta, violando a nação no chefe della, promoveu uma querella do M. P. contra o redactor responsavel d'essa folha Empenhadas na punidade d'este delicto de lesa-magestade todas as auctoridades, teve para esse effeito logar a primeira audiencia; porem como não estivesse presente o agente do M. P., que tinha visto o feito na conformidade do § un. do art. 1186 da N. R. J., o agente, que o substituiu, requereu a transferencia do julgamento da causa, que o digno juiz lhe concedeu. Este facto foi o primeiro, que um jornalismo inepto começou de censurar, attribuindo ao arbitrio ou vontade do juiz, o que é obrigada auctorisação da Act. do Conselh. do P. R. de 30 de agosto de 1845, e da letra da mesma Ref. no art. citado!

Mas o sr. juiz de direito Monteiro, expondo ainda outras razões no sentido de que a ausencia do M. P. no acto do julgamento induzia nullidade por influir no exame e discussão da causa, não pôde evitar s. s.ª com estes esclarecimentos só dados por quem com razão se deve suppôr cercado d'ignorantes naquella terra, que a imprensa viesse sem nenhum commedimento tripudiar ás portas do tribunal!

Tendo o reu offerecido uma excepção de chamada prescripção com o falso e inoportuno fundamento de nullidade, e tendo sido recebido e logo contestado pelo M. P., e depois julgado improcedente pelo sr. juiz verbalmente na acta, foi mais este facto censurado pela ignorancia de um periodico, a quem nem ainda obsteu o fundamento delle no art. 19 da L. de 18 de julho de 1855, que o sr. juiz recitou, e d'onde consta, que o acto judicial não será nullo por haver sido praticado depois de haver decorrido o prazo legal, em que deve ter sido ultimado, salvo a disposição em contrario! Alem d'isto ainda houve outro periodico, que no meio das accusações vagas, que dirigiu ao magistrado, cuja severidade lhe não lisongea as suas desafortadas inclinações, disse que o sr. juiz tinha aberto a sessão pelo modo mais inconveniente! Narrando a maneira, porque o sr. juiz o fez, nós sentimos com isso o prazer de apresentar mais uma prova do pouco conceito d'illustração, com que as auctoridades estão prevenidas contra uma gente, que tem por orgãos esses periodicos, que por ali se vêem!

Logo que o sr. juiz de direito deferiu o juramento aos jurados, recitando-lhes a formula do art. 1130 da Ref., e offerecido pelo official de diligencias o livro dos Santos Evangelhos aos jurados nos seus logares (consideração aliás immerecida, bem que seja mais curial, que o uso d'alguns juizes, que fazem desfilar os jurados diante de si para esse mesmo fim) os quaes elles mesmos beijaram, dizendo — assim o juro — antes da leitura do processo o sr. juiz fez uma exortação aos jurados, que julgou convenientemente segundo a illustração delles (!) fazendo-lhes sentir, que eram convocados extraordinariamente para o julgamento d'uma causa excepcional de abuso de liberdade d'imprensa; e como não fosse objecto vulgar, de que se achassem instruidos, e tão simples como um ferimento ao alcance de todas as intelligencias, e competindo-lhes o julgamento della, e consistindo o delicto em escriptos, cujo sentido se podia alte-

rar ou desconhecer, não sendo bem lidos e entendidos, era necessario, que lhes prestassem a mais séria attenção, e tivessem em vista as disposições, que regulavam o caso fazendo-lhes ver e recitar o art. 145 § 3 da Carta sobre a liberdade de manifestação d'opinión, o art. 72 da mesma sobre a inviolabilidade, santidade e irresponsabilidade da pessoa do rei, o art. 14 § 4 da lei de 22 de dezembro de 1834, que considera o abuso e ataque feito á auctoridade legitima do rei e á inviolabilidade da sua pessoa, e o art. 169 do Cod. Pen. sobre a injuria e offensa commettida publicamente por escripto publicado contra o rei; fazendo-lhes alem d'isso uma explicação sobre graus de culpa, porque se deviam regular em caso de condemnação, não deixando tambem de lhes manifestar a necessidade de reprimir a imprensa que naquella terra se acha no estado, que o mesmo periodico accusado extranha no seu artigo de fundo.

Tendo depois d'isto chamado para a leitura do processo, quem melhor o podesse ler para poder ser bem entendido, foi esta fórma de proceder com que o sr. juiz de direito, Caeetano José Gomes Monteiro antecedeu o inquerito das testemunhas, que os periodicos da Madeira acharam inconveniente, pelo patente motivo de tender no rigor desenvolvido pelo sr. juiz a não deixar impune tão grande excesso, como esse que o M. P. perseguia com as leis.

Este empenho do digno magistrado, traduzido pela ignorancia como uma vindicta pessoal do homem, que pela sua probidade é forçado a soffrer as calumnias e os insultos, para confirmar a verdade, com que se diz, que quem quizer achar a virtude é procural-a no meio da maior intensidade das invectivas jornalisticas, entre estes martyrios publicos, foi occasião de doestos tão vergonhosos, para quem os fez, que só se podem explicar na douda irritação do jornal mercenario, a quem não assistem com a paga, que tem por isso a exigir etc.

Tendo pois o sr. juiz, e por esta illucidação, de quem pertende o mais regular andamento n'uma causa importante, passado a inquirir as testemunhas, tambem nesta parte a imprensa madeirense, obstinada em dar triste idéa de si, achou, que notar; e é mister fazer-lhe a caridade de se instruir com o fundamento legal de todos os actos do sr. juiz, para que ella veja, que não foi parcialidade, mas justiça, que sempre assistiu a esse acto. Como os artigos 1138 e 1050 da Nov. Ref. Jud. permitem, que se mostre ás testemunhas, quando parecer conveniente, quaesquer escripturas produzidas a favor ou contra o reu e todos os instrumentos do crime; e permitindo o art. 1133 e o 527 da mesma Ref. fazer ás testemunhas as perguntas, que julgar necessarias para o descobrimento da verdade, toda a parcialidade do sr. juiz de direito consistiu em fazer manter o respeito ao tribunal, não consentindo que as testemunhas sustentassem os principios abusivos, que a Carta reprova, nem passassem sem reparo a inversão do sentido dos artigos incriminados, fazendo ver a essas testemunhas o abuso no sentido natural e obvio das palavras, porque elle se commetia.

E esse chamado ataque á testemunha Julio da Silva Carvalho, a que ainda outro, ou o mesmo periodico se refere, consistiu em o sr. juiz lhe pôr interdito, a que essa testemunha sustentasse em pleno tribunal, como pertencia, doutrina contraria ao art. 72 da Carta Const.; e esta mesma no aperto, em que se viu, quando depois de dizer, que entendia não haver nada d'injuria a Sua Magestade da parte do jornalista em tudo quanto dizia, o sr. juiz o instou á face da ultima parte do artigo incriminado, e tanto o desgostou esta instancia, que este patrono officioso (mas ignorante) do reu teve a notavel ousadia de propôr ao sr. juiz, que isso lhe não cumpria! que lhe não cumpria obrar segundo lhe facultam os art. 1133, 527 etc. da Ref. Creimos, que é caso novo este d'uma testemunha pretender impôr leis ao procedimento do juiz, que a interroga, pretender arbitrar na ordem do processo criminal!! E' uma aggressão, e uma aggressão dupla, já em quanto que não respeita o poder judicial, já em quanto que ataca a realza, sustentando, sem lhe poder ser permitido, as mesmas doutrinas, porque o reu estava em juizo. Mas o que se deve ainda notar é que este desacato teve um applauso na assembleia, feito sentir por um apoiado, que o sr. juiz repelliu, sustentando o seu direito, intimando a testemunha, a que lhe declarasse se o facto era ou não d'injuria ao rei, ao que ella só pôde responder com signaes de perplexidade.

que os cães haviam andado com elle de volta. Um panno esfarrapado o cobria ainda em parte, e, pelo exame a que se procedeu, reconheceu-se que a barbara mãe, que assim abandonou seu filho no meio de uma praça entregue á bruteza das irracionaes e aos rigores do inverno, o havia dado á luz poucas horas antes.

Quem seria esta mãe desnaturada e criminosa, que, talvez para encobrir um outro crime, assim fez trucidar barbaramente o fructo de suas entranhas, sem que a voz do sangue, quando não fosse a do amor ou a da religião, lhe sustivesse o braço que arremessou de si o infeliz innocente?

Não se lembraria esta mulher que as sociedades christãs crearam as misericordias, para evitar que os filhos de ligações criminosas sejam sacrificados pelas mães n'um accesso de tardio arrependimento, porque não ha crime mais atroz e horrroso que o das mães que matam seus filhos?

Todo o rigor, que a justiça imponha a feras d'estas, é pouco para crimes taes.

A escuna Lazarim.—No dia 6 de outubro, entrou a barra de Gôa, a escuna a vapor *Barão de Lazarim*.—Diz o *Phênix de Gôa*, que é o primeiro vapor portuguez, que entra a barra, por onde entrou Affonso de Albuquerque ha tres seculos.

A escuna vai concertar a Bombaim, e depois volta para Mogambique.

Pleito curioso.—Nos tribunaes de Berlin está correndo um processo extravagante. Discute-se por desigualdade de classes sobre a validade de um matrimonio contraído em 1848 entre o conde S... e a filha de um sargento da guarda, a qual estava empregada no corpo de baile da Opera.

O tribunal supremo de Berlin havia declarado valido o matrimonio, fundando-se em uma lei do anno de 1746, em que os sargentos e seus filhos são declarados iguaes á classe media superior; mas esta sentença foi annullada, e o processo está de novo a ser julgado.

O demandado, filho da condessa S... expõe que sua mãe dançava solos, e que por tanto era artista que pertencia á classe superior. De sorte que a validade do matrimonio dependerá de se saber se aquella dama bailava com mais ou menos perfeição.

A lei sobre casamentos tantas vezes apresentada, suppremia estes inconvenientes absurdos de desigualdades de classes, mas a camara das senhoras nunca a quiz approvar. As damas são assim em questões de legislação.

É notavel.—Dizia-se em Lisboa, que fallecera em Cabo Verde D. Francisca Pereira, hospeda de D. Francisca de Judicibus, implicada nos crimes de moeda falsa, e do assassinato da rapariga, cujo cadaver appareceu em Rio-Seco, e que ainda hoje se ignora quem fosse!

Ha tempos noticiou-se a morte D. Joanna de Judicibus, viuva de D. Francisco de Judicibus, que se achava em Cabo Verde cumprindo degredo. Depois annunciou-se tambem a morte de João Crós, subdito francez, que tomou parte activa no negocio da moeda-falsa, e a cujas mãos acabou, em casa de Judicibus, a infeliz rapariga acima referida.

Acerca destas mortes successivas em pessoas que encerravam o mysterio do assassinato d'aquella desgraçada rapariga, ao passo que conheciam os individuos implicados na moeda-falsa, correm apprehensões de que houve propinação de veneno.

Como quer que seja, estas mortes são factos positivos; porém, quem poderá decifrar semelhantes mysterios?!

(Braz Tisana.)

Viva ou morta?—(Do «Vimaranense».) A exm.^a sr.^a D. Antonia Amelia Pinheiro da Silva Rocha de quem já demos uma local, debaixo da epigraphe — *Raro accidente* — morreu na madrugada de sexta-feira para o sabbado na Povoia de Varzim.

Como já tivesse acontecido, esta menina, havia quinze dias, ter sido considerada morta e no espaço de trinta e oito horas viver, tendo-se já ordenado o funeral etc. sua familia conservou-a em casa o dia do sabbado, e o domingo até ás trindades: porém vindo que ella não voltava a si resolveu mandal-a para esta cidade por quatro homens.

Chegou com effeito aqui pelas seis horas da manhã do dia de hontem, e ás 11 teve o funeral, e todas as ceremonias da sepultura. Porém, principiando-se a espalhar que a *defunta estava viva*, o digno administrador ordenou que ella não fosse enterrada, sem que previamente se procedesse a um minucioso exame, alfimordenou que se não enterrasse sem que o cadaver estivesse no estado de putrefação.

Foi então o cadaver levado para o hospital de S. Francisco d'esta cidade, e depositado n'uma cama, coberto com a roupa necessaria, etc. e duas enfermeiras para velarem junto do corpo *mysterioso*.

Nós cremos que a exm.^a sr.^a D. Antonia goza o somno eterno; ha porém alguns sintomas que nos apresentam signaes vitaes. Verdade é que nós somos completamente estranhos na sciencia medica, porém em o nosso humilde entender julgamos que as apparencias são vitaes; com tudo cremos que a exm.^a sr.^a D. Antonia Rocha vive com os anjos.

As apparencias são:
Flexibilidade de nervos.
Beijos com cor natural. Carnes das faces moles.

Meninas dos olhos sem nevoas e as palpebras flexiveis.

Orelhas encarniadas, e no tocar se-lhes parece fugir-lhes o sangue, que novamente volta, e finalmente o corpo não no estado de putrefação, havendo já cento e cincoenta e tantas horas que o corpo está considerado morto!...

Grande numero de gente correu hontem para as Capuchinhas afim de ver a *defunta viva*, até que foi myster mandur-se fechar a porta do templo, não só para evitar a pouca reverencia com que a gente em multidão ali estava mas tambem porque todo o mundo queria tocar na defunta.

Uns esfregavam-lhe as pernas, outros apalpavam-lhe o pulso, etc.

Gostamos então d'um dito a proposito d'uma creancinha de oito annos, pouco mais ou menos, a quem lhe perguntamos se a *defunta estava viva*, ao que ella respondeu: — Se ella estivesse viva, já aquella gente a tinha matado.

ALCANCE

TELEGRAPHIA ELECTRICA

(Ao Commercio do Porto)

LISBOA 26 A'S 9 H. E 50 M. DA MANHÃ

Pariz 23.—Foi extrahida, com felicidade, a bala a Garibaldi.

CORREIO

Faltou-nos carta do nosso correspondente de Lisboa.

Novidades politicas não as ha, mas correm bantos que cada um quer fazer acreditar como certos, que brevemente as teremos e bastante transcendentos.

Entre estes boatos vai tomando vulto o da proxima dissolução da camara dos srs. deputados. Se o governo adoptar ou não esta grave medida politica, é por ora ponto muito duvidoso, e nós não reccamos mesmo classificar a adopção d'ella na actualidade, e depois do addiamento, como anti-politica, pouco conveniente e talvez mesmo perigosa.

Os jornaes que hoje recebemos dizem que o sr. Fontes Pereira de Mello se recusa a aceitar a embaixada de que o queriam encarregar; outros desmentem mesmo que o governo tal vontade tivesse.

Muitos confiam nos bons resultados politicos da nova «Sociedade Progressista» onde se tem filiado a maior parte dos amigos do actual governo. Ha outros que asseveram que esta Sociedade é um centro de opposição ao presidente do conselho de ministros, o que nós não acreditamos, porque a ser assim, revelava desarmonia entre os membros do gabinete e seu chefe, e muito se havia de sentir o andamento das coisas publicas com uma tal desintelligencia. Não cremos mesmo na effcacia politica d'esta nova Sociedade.

No que nós acreditamos, e o que os factos nos estão patenteando, é na maior divisão do grande partido liberal, esquecendo-se os nossos politicos, que da união vem a força.

Tambem consta que o sr. conde de Thomar fizera uma reunião politica com o fim, dizem, de reorganizar, ou apurar o seu partido.

A opposição pela sua parte não se descuida de chamar ás armas os seus adeptos para promptos darem batalha ao governo.

Corria em Lisboa com mais alguns visos de certeza que o sr. duque de Loulé tinha conseguido de El-Rei — o reconhecimento do seu casamento com a fallecida infanta a sr.^a D. Anna — E' a mais importante pretensão do sr. duque, pretensão que elle sempre teve já com o sr. D. Pedro 4.^o; depois com a sr.^a D. Maria 2.^a e ultimamente com o sr. D. Pedro V.

Ha quem assevere que o sr. duque de Loulé conseguindo isto, quer mostrar, que a sua intimidade e influencia com o soberano cada vez é mais.

No «Diario de Lisboa» de 25 do corrente appareceu a carta regia na qual S. M. El-Rei agracia por occasião do seu casamento seu augusto irmão o sr. infante D. Augusto com as bandas de gran-cruz das duas reaes ordens militares portuguezas de Nosso Senhor Jesus Christo e S. Bento d'Aviz.

O «Commercio do Porto» d'hontem no seu noticiario diz que o sr. Molard, que é um dos directores da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, e que veio inspecionar a linha do norte, já regressou a Lisboa, tendo examinado detidamente a parte da linha das Devezas a Estarreja, que nos consta será aberta á exploração no dia 8 de dezembro, por ser este dia o da festa da padroeira do reino.

ANNUNCIOS

Commissão Promtora dos festejos do dia 1.^o de Dezembro, deliberou solemnizar o anniversario da gloriosa independencia nacional, e previne a todas as pessoas que quizerem associar-se-lhe, contribuindo para commemorar o mesmo dia, que o seu thesoureiro é o sr. Agostinho Pinheiro, a quem podem ser entregues as quantias com que se dignarem subscrever.

A mesma commissão tendo rezolvido fazer cantar um «Te-Deum» em commemoração ao estrondoso acontecimento,

que restituiu a Portugal a independencia, convidá todos os habitantes d'esta cidade a comparecerem na igreja da sé cathedral na proxima segunda-feira pelas 2 horas da tarde, a fim de tomarem parte na cerimonia religiosa, e dar-se graças ao Todo Pedroso por fazer deste paiz um povo livre e generoso.

Outrosim espera a commissão que todos os aveirenses illuminem as suas fronteiras na noite do referido dia.

O conselheiro Adriaõ Pereira Forjaz, de Coimbra, ha de arrendar até ao proximo natal, os ilhotes do Amoroso, e Gallega, na ria de Aveiro, e freguezia de S. Julião de Cacia, cujo rendeiro tem sido Manoel José da Silva Valente, do lugar de Pardelhas. Aceita lanços sobre o de 75\$000 rs., livres de todas as contribuições.

Pelo cartorio do escrivão Gasmão, correm editos de dez dias, a requerimento de Joaquim dos Santos, da Povoia, chamando todas as pessoas que se julgarem com direito á quantia de 45\$826 rs. existentes no deposito publico, pertencente a Manoel Abbade, da Costa.

Antonio Pinheiro, recoveiro, parte d'esta cidade para a de Lisboa no dia 10 de dezembro proximo; encarrega-se da condução de passageiros, e encomendas.

Pouza, nesta cidade, no Terreiro, em casa do ex.^{mo} sr. João Carlos do Amaral Ozorio,

A folhinha ecclesiastica propria do bispado d'Aveiro, acha-se á venda nesta cidade na loja de Bento d'Amorim, na Praça,—em Avelãs de Caminha na residencia do rd.^o parcho,—no Pinheiro da Bemposta, em casa de F. J. Marques,—preço 140 réis.

O PROVIR DAS FAMILIAS

76.000 socios

COMPANHIA MUTUA DE SEGUROS DE SUPERVIVENCIA

Para formar dotes, ou outras providões sendo garantida sua administração pelo capital de 1.500 contos

Esta acreditadissima Companhia segue seu caminho de prosperidade; e são prevenidas as pessoas que nella desejarem interessar-se, que ainda podem entrar, de modo que venham a fruir todas as vantagens, dos que se associaram em aneiro deste anno, que fica logo vencido.

Para mais detalhes podem dirigir-se a Agostinho Duarte Pinheiro e Silva, correspondente da Companhia em Aveiro, ou ao sub-director geral no Porto.

Tambem toma seguros contra incendios para a Companhia União, assim como maritimos.

ROBERTO

OU

A DOMINAÇÃO DOS AGIOTAS

POEMA HEROE-COMICO EM 9 CANTOS

POR

Manoel Roussado

(Parodia ao notavel poema de Thomaz Ribeiro — D. JAYME OU A DOMINAÇÃO CASTELLA)

Deve sahir á luz até o fim do corrente mez.

O REPORTORIO
REI DOS REPERTORIOS

PARA O ANNO DE 1863
PREÇO 20 RS.

Sahiu á luz este excellente re-

portorio, e acha-se á venda no Porto, na livraria de Jacintho Antonio Pinto da Silva, rua do Almada n.^o 154.

A FREIRA ENTERRADA EM VIDA

O CONVENTO DE S. PLACIDO

Romance historico e original de Garcia Sanchez del Pinar, traduzido livremente do hespanhol por Porphyrio José Pereira

EDITOR:—JOSÉ MARIA CORRÊA SEABRA

PREÇO DE CADA TOMO 500 RÉIS.

Não apparece desde os «Tres mosqueteiros», vinte annos depois, Visconde de Bragellone, romance mais enredado e interessante do que a «Freira enterrada em vida ou o Convento de S. Placido.» Pelo jogo de lances, complicações, movimento, e inesperadas situações da acção, desenvolvida com a maior verdade historica e no mesmo tempo com todos os recursos de uma prodigiosa enaginação romantica; este romance é considerado como uma das obras mais celebres da litteratura moderna, proprio para aprender uma época.

Os Tres volumes que formam a obra completa, acham-se desde já á venda em Lisboa na Typographia Universal, rua dos Balafates, 110, e em todas as lojas do costume. No Porto em casa do sr. Jacinto A. P. da Silva.—Em Coimbra na do sr. José de Mesquita, e nas principaes terras do reino e ilhas.

Para as localidades onde não haja correspondente, serão remetidos francos de porte a quem enviar a sua importancia por meio de vale do correio ou em estampilhas, ao editor—José Maria Corrêa Seabra—Lisboa.

O comprador que apenas deseje tomo por tomo, goza da liberdade de os comprar á proporção que os fôr querendo.

ALMANAK AVEIRENSE
PARA O ANNO DE 1865
POR
José Reynaldo Rangel de Quadros Oudinet

Contendo, além do kalendario, — as estatísticas do districto e bispado de Aveiro — mercaderias e feiras em todos os districtos, — e muitas outras curiosidades, etc. etc. etc.

PREÇO 120 RS.

Acaba de publicar-se este interessante Almanak, e acham-se á venda nesta cidade, na Rua dos Mercadores, n.^o 5, loja; — em casa do empedernador José Maria Sariva, na Rua Direita, junto á Botica; — na morada do author, — e nas mais lojas do costume das principaes terras deste reino.



PARA A BAHIA

A BARCA

BAHIANA

CAPITÃO JOSÉ DOS SANTOS LESSA JUNIOR

Sahirá com muita brevidade. Para carga e passageiros, tendo para estes excellentes commodos, trata-se com Joaquim Lourenço Alves, Porto rua Reboleira n.^o 19.

RESPONSÁVEL:—M. C. da Silveira Pimental

Typ. do Districto de Aveiro.

gencias actuaes da politica, impedem o governo francez de o seguir, por o gabinete Ratazzi n'uma insustentavel situacao.

Em Floranca houve no dia 12 uma reuniao de deputados e decidiram combater o ministerio. Parece que a reuniao teve lugar em casa do barão Ricassoli.

Fallava-se n'um gabinete Farini.

As noticias de Athenas dizem que ha alli tendencias em favor da candidatura do principe Alfredo de Inglaterra, e que Mr. Maucor-dato trabalha activamente n'este sentido, tendo frequentes entrevistas com o ministro inglez Mr. Scarlott.

O governo inglez, com o fim sem duvida de explorar em proveito das suas relações com os Estados-Unidos o passo recentemente dado pelo gabinete das Tulleries, expediu pelo almirantado ordem a todas as autoridades maritimas para que exerçam a mais activa vigilancia nos navios que saem dos portos inglezes, para impedir que carreguem contrabando de guerra. Identicas instrucções foram enviadas ao governo das ilhas Bermudas, que nos ultimos tempos eram um verdadeiro deposito para os Estados do Sul.

O jornal francez «La France» publica uma noticia, que dá que pensar.

Não bastando a declaracao que a embaixada turca em Paris fez nos jornaes d'aquella capital, para destruir os boatos que circulam sobre o mau estado de saude do sultão, o jornal de M. de Lagueroniere diz:

«Muitos jornaes estrangeiros, apesar das noticias officiaes em contrario, continuam dizendo que S. M. I. o Sultão Abd-ul-Azis se acha gravemente enfermo. Sem renovar rectificações inúteis, observaremos que a morte do Sultão não modificaria em nada a situação dos negocios da Turquia.

Seu successor legal é seu sobrinho, o príncipe Mehemed-Murad Effendi, nascido a 21 de setembro de 1840, filho mais velho do Sultão Abd-ul-Medjid.

Este joven principe recebeu uma boa educação, e, como seu thio o Sultão actual, tem excellentes intenções, e offerece para a Turquia e para a Europa, as garantias que mais são para desejar.»

Este modo de rectificar uma noticia, é mais para augmentar a incerteza que para a destruir.

Turin 18. — O rei soccorreu com dinheiro os povos da Romania que soffreram pelas inundações.

O jornal official publica o decreto que levanta o estado de sitio em Napoles e na Sicilia.

Abriu-se hoje o parlamento com um immenso numero de deputados.

Londres 18. — E' fal-o que a Inglaterra trabalha secretamente para collocar na Grecia um principe inglez.

Commonfort desceja substituir Ortega no commando do exercito mexicano.

Nos Estados-Unidos a maioria das eleições é democrata, isto é, de opposição ao presidente Lincoln.

Turin 18. — Não houve discurso regio na abertura do parlamento italiano.

Escrevem da Grecia que nas ilhas Jonicas houve manifestações a favor do principe Alfredo.

Os jornaes russos apoiam a candidatura do principe de Leuchtemberg.

Athenas 17. — Em Patrás occorreram sérias desordens.

Pariz 18. — O «Moniteur» publica o seguinte despacho telegraphico:

Turin 18. — Ratazzi apresentou na meza da camara os documentos relativos á questao romana. Buoncompagni annunciou uma interpellacao ao governo. Ratazzi diz que se acha disposto a responder: ficou adiada a questao para quinta-feira.

O Papa recebeu affectuosamente o principe de Galles e os da Russia.

Nova-York 8. — Mac-Clellan continua a avançar na Virginia. Ignoram-se as posições dos separatistas.

Mr. Seward queixa-se n'uma nota de que o navio corsario «Alabama» se equipou n'um porto amigo.

Nas eleições que se fizeram no Estado de Illinois triumpharam os democratas.

Corre o boato de que o ministro protestou contra os actos de Butler em Nova-Orleans.

Turin 19. — O sr. Buoncompagni interpellará amanhã sobre a politica do gabinete. Ratazzi está disposto a responder.

Bando: reaccionarios recorrem ainda as provincias meridionaes.

Trieste 19. — Diz a «Gazeta» que continuam na Grecia e ilhas Jonicas as demonstrações a favor do principe Alfredo.

Parte dos soldados que commandou Grivas insurreccionou-se em Patrás. O governo proviso-rio manda forças contra elles.

Marselha 19. — Dizem de Napoles que o conde de Christian, tentou fugir da prisão.

Londres 19. — No Norte dos Estados-Unidos predomina nos clubs uma grande opposição para impedir a lei de conscriptão.

O partido da paz ganha terreno todos os dias.

Darmstad 19. — O espirito do projecto de resposta ao discurso do throno é de opposição sobre muitos pontos importantes.

Pariz 19. — O duque de Gramont e os outros quatro accusados no processo do desafio foram absolvidos.

Pesth 19. — Foram amistiados na Hungria os condemnados por delictos politicos e transear-am-se as causas pendentes.

Pariz 20. — Assguram alguns jornaes que M. Drouyn de Lhuys vai enviar para Inglaterra e Russia uma nova nota relativa á questao dos Estados Unidos.

Falla-se de uma nota de lord Russell concernente aos assumptos da Grecia.

Turin 20. — A camara de deputados annullou a eleição d'um representante da Sicilia feita durante o estado de sitio.

Buoncompagni e Mordini atacaram vivamente Ratazzi.

Crê-se geralmente que este não possa continuar á frente dos negocios.

NOTICIARIO

Suffragios.—Os estudantes do seminario desta cidade suffragaram a alma da mãe do sr. vigario geral, com officio e missa cantada, que hontem celebraram na sé.

E' uma prova d'amor e gratidão que os ordinandos dão ao seu illustre chefe, e digno prelado deste bispado.

Caça.—Consta-nos que o sr. administrador do concelho fôra na noite de terça-feira dar caça a uma casa de jogo ali para o Alboj, e que encontrára os jogadores com a bocca na botija.

Affiançam-nos que o sr. administrador não apprehenderá os objectos do jogo nem attuára os jogadores, confiante na promessa que os mesmos fizeram de não jogarem mais, e que passados poucos instantes se occupavam de novo, estas boas creaturas no seu exemplarissimo mister.

Pedimos á auctoridade toda a vigilancia, e que por uma vez acabe com o perigoso vicio do jogo de azar.

Pedimos-lhe em nome da moralidade e do descaço das familias.

Arboricidas.—Ha dias appareceram cortadas algumas arvores no principio da estrada que vai para S. Bernardo.

Não cessa esta gente de maus instinctos de destruir o que é tão agradável e hygienico.

Noticias de Sines.—Em uma carta que recebemos de Sines, dizem-nos que na madrugada do dia 13 do corrente, estando para ser removido das cadeas desta villa para as de Lisboa o sentenciado José da Costa, de-fechára contra o peito uma pistola, ficando gravemente ferido: foi recolhido ao hospital, e suppõe-se que escapará.

—Na mesma villa e vizinhanças tem morrido muitas gallinhas d'uma molestia, que ali grassa. Principia por lhe inchar o figado, e se não tem cuidado de as sangrar, morrem em pouco tempo.

—A falta de chuva tem ali prejudicado muito a agricultura. Ha ainda poucos dias que principiava a chover, sendo que já no meado do mez passado se tornava precisa.

Despachos pelo ministerio da fazenda.—Por decretos do mez de outubro ultimo foram effectuados além dos despachos que hontem mencionamos, mais os seguintes:

Francisco Marianno de Moraes — nomeado para o lugar de escripturario do escrivão de fazenda no concelho de Alvito, vago pelo fallecimento de José Narciso Antunes Braga.

Estevão José da Silva — nomeado para o lugar de escripturario do escrivão de fazenda no concelho de Portel, vago pela transferencia de José Maria de Campos Rodrigues.

Serafim Garcia Ribeiro — exonerado do lugar de escrivão de fazenda no concelho de Oliveira do Hospital.

Manoel Marques Moreira, escripturario do escrivão de fazenda no concelho de Arganil, nomeado para o lugar do antecedente.

Joaquim Antonio da Silveira Aguiar — nomeado para o lugar de aspirante de 2.ª classe da repartição de fazenda do districto de Evora, vago pela promoção de Manoel Joaquim Bugalho.

Joaquim Marques Falcão — nomeado para o lugar de recebedor da comarca de Idanha a Nova.

Francisco Martiniano Arnaud, primeiro official de thesouro publico; Carlos Joaquim Maldonado Froment, segundo contador do tribunal de contas, e Antonio Faustino da Silva, segundo official do thesouro — nomeados para membros da commissão de recenseamento e liquidação da divida passiva do Estado, creada por decreto de 22 de setembro do corrente anno; servindo o primeiro d'elles de presidente da mesma commissão.

Carlos João de Sousa — nomeado para o lugar de escrivão de fazenda no concelho de S. Vicente, vago pela transferencia de Augusto Soares Pestana.

Luiz Tavares de Moura Palha — nomeado para o lugar de escrivão de fazenda, no concelho de Alandroal, vago pela transferencia de Manoel Rosado da Silva Perdigão.

Francisco Maria Monteiro de Brito — demittido do lugar de escripturario do escrivão de fazenda, no concelho de Ancião.

Cazimiro Antonio dos Santos — nomeado para o lugar de escripturario do escrivão de fazenda, no concelho de Ancião, vago pela demissão do antecedente.

Julio Antonio de Freitas — demittido do lugar de escrivão de fazenda, no concelho de Pombal.

Miguel Augusto de Andrade Santareno, escripturario do escrivão de fazenda, no concelho de Leiria — promovido ao lugar de escrivão de

fazenda, no concelho de Pombal, vago pela demissão do antecedente.

Herculano Candido José de Oliveira — nomeado para o lugar de amanuense de 2.ª classe do thesouro publico, vago pela promoção de Antonio Maria Pereira Carrilho.

Antonio Raymundo da Cunha — nomeado para um lugar de amanuense de 2.ª classe do thesouro publico, que se achava vago.

Conselheiro Antonio dos Santos Monteiro — suspenso do exercicio do emprego de director da alfandega grande de Lisboa, por conveniencia do servico.

Nuno José Gonçalves, chefe da 1.ª repartição da direcção geral das alfandegas e contribuições indirectas do thesouro publico — nomeado para exercer interinamente o emprego de director da alfandega grande de Lisboa durante a suspensão do conselheiro Antonio dos Santos Monteiro.

Severiano Augusto Bizarro — exonerado do lugar de escrivão de fazenda no concelho de Grandola, para ser opportunamente empregado.

Domingos José de Moreira Carvalho — exonerado, pelo haver pedido, do lugar de escripturario do escrivão de fazenda no concelho de Vimioso.

Albano Augusto de Sá — nomeado para o lugar de escripturario do escrivão de fazenda no concelho de Vimioso, vago pela exoneração do antecedente.

Estado da casa real.—(Do «Jornal do Commercio»):—No reinado de El-Rei D. João V tudo era faustoso e magnifico. Quiz esse monarcha competir com Luiz XIV, e em muitas cousas a corte de Portugal se avantajou á de Paris.

O estado com que El-Rei D. João V se apresentou na entrevista de Ceia, para a troca das infantas de Portugal e de Hespanha, foi lindissimo.

Não ha memoria de cousa tão maravilhosa pelo numero das pessoas da comitiva, riqueza de trajos, magnificencia dos coches e de todo o trem correspondente.

Nas Vendas-Novas mandou El-Rei por essa occasião levantar o palacio que lá está, adornando-o de muitas pinturas, ricas tapeçarias e custosas armações.

O patriarcha, 12 conegos e mais ecclesiasticos necessarios para o culto acompanharam El-Rei, além de numerosissima comitiva composta de todos os fidalgos que tinham cargos no paço e de muitos outros, que foram para tornar mais luzida a funcção.

O estado da casa real, n'esta occasião, constou de 10 coches, 8 berlindas, 29 estufas, 2 caleças e 141 seges. As cavalgaduras para o serviço d'esses vehiculos foram 353 uros ou frizões, como lhe chamavam, para os coches, 468 cavallos e mulas das seges e dos criados de cavallaria, 673 cavallos de sella e 316 muaras das galerias, carros de matto, liteiras e outros transportes.

Os criados passavam de 900, só para o serviço dos coches e cavalgaduras.

E, além d'este estado, havia os coches e as suas respectivas cavalgaduras e cavallos de sella e criadagem dos fidalgos que iam na comitiva.

Os infantas iam cada um em seu coche; a rainha tinha o seu coche além do de estado, bem como o rei. Assim se tornava mais apparatuso o prestito.

Será difficil encontrar festa mais pomposa.

Na vinda para Lisboa das reaes pessoas e sua comitiva se empregaram, além do bergantim real e outras embarcações, perto de trezentos barcos, que de Aldeia-Gallega seguiram até Belém, onde se fez o desembarque n'uma vistosa ponte que alli se armou, e d'ali vindo, em direitura á Esperança, o prestito subiu a calçada do Combro, rua do Chiado, assim se chamava então, rua Nova do Almada, rua do Ferro, Pelourinho, até ao Terreiro do Paço, onde era o paço e a capella real.

Houve vistosas festas em Lisboa, tudo em harmonia com todas as pompas e magnificencias das que as precederam.

A princeza hespanhola que desposou então El-Rei D. José, a senhora D. Marianna Victoria, era uma grande caçadora. Caçava a cavallo os veados e era optima atiradora.

Das suas façanhas na caça ha um folheto muito curioso.

Offerta distincta.—Vae ser offerecida ao nosso compatriota e distincto pianista Arthur Napoleão, uma medalha de ouro cravejada de pequenos brilhantes do valor proximo de 400,000 réis, cuja oferta é feita pela commissão central encarregada de promover no Rio de Janeiro a subscrição a favor dos asylos de Portugal, pela maneira cavalheira com que o digno artista se prestou a tocar gratuitamente nos intervallos da peça em beneficio dos mencionados asylos.

Templo antigo de Malaga.—Descobriu-se no seculo passado a tres leguas de Malaga, proximo á aldeia de Cortamo, as ruinas de um templo antigo dos phinicios, enterradas na profundidade de mais de 30 pés.

Este templo é quadrado e tem 112 pés de comprido

Encontrou-se tambem nas ruinas uma mão de marmore branco, de trinta pollegadas de comprido, dez estatuas da mesma pedra sem braços nem cabeças, e uma columna com 24 pés de altura e 6 de diametro de marmore vermelho.

Grande pedra.—O monolitha para o tumulo do ultimo imperador da China, verdadeiro

rochedo, que foi extrahido de uma pedra no interior do imperio, é levado para Pekin, por 600 bois e abança cada dia 30 metros de caminho.

Molestia.—Consta-nos que está bastante doente o em.º sr. cardinal Patriarcha. Fazemos votos pelos seus allivios e mesmo pelo completo re-tabelecimento do illustre e venerando prelado.

Duelo.—O «Figaro» publica os seguintes promenores relativos ao duelo que houve ultimamente entre o duque da Grammont Caderousse e o sr. Dillon, redactor do «Sport»:

«Ao de longa data as causas que influem para o duelo. Por vezes o sr. Dillon, que escrevia no periodico «Sport», dando noticia das corridas de cavallos, fazia allusões menos lisonjeiras ao duque de Grammont Caderousse.

«O sr. de Grammont dirigiu ao periodico «Sport» uma resposta, cuja inserção lhe foi negada. Em presenca deste facto enviou a uma lolla belga, o «Journal des Haves», uma carta, que foi publicada no dia 2 de outubro. Continua ella expressões que foram julgadas offensivas pelo sr. Dillon.

«Este, apenas teve conhecimento da publicação feita na folha estrangeira, mandou, por dois dos seus amigos, pedir uma satisfação ao sr. de Grammont Caderousse. O duque, pela sua parte, fez escolha de dois padrinhos. Suppoz-se a principio que, graças á intervenção do sr. Eugenio Chapus, director do «Sport», o desafio não iria por diante. Não aconteceu porém assim.

Convencionou-se que se bateriam á espada, devendo o duelo effectuar-se no dia 22 de outubro.

Os dois adversarios, seus padrinhos e o doutor X..., medico de Vely pachá, pararam na estação do caminho de ferro Maisons, donde foram transportados em carruagens até á floresta de Saint Germain.

Quando se apearam chovia muito e fazia um vento rijissimo. As testemunhas escolheram um local proprio para a scena que ia passar-se, e uma dellas o coronel... arrancou um ramo de arvore que podia impedir os movimentos dos dois adversarios, e tirou-se á sorte o lugar que cada um devia occupar.

A sorte favoreceu o duque, que, como verdadeiro cavalheiro, escolheu o lado exposto ao vento e á chuva; quer dizer, a posição menos favoravel.

Os adversarios pegaram nas suas espadas, occuparam os seus respectivos logares, os padrinhos retiraram-se um pouco para traz, e deu-se o signal de ataque.

O sr. Dillon accommetteu immediatamente o adversario, porem ao terceiro bate recebeu de baixo do braço, entre a quinta e sexta costella, uma estocada que lhe atravessou o pulmão esquerdo. O ferido levou a mão ao peito, soltou um gemido e caiu redondamente no chão.

O sr. Grammont empallideceu, e com a maior commoção disse a um dos seus padrinhos: «Sou infeliz, é a primeira vez que deixo de ser ferido...»

Depois acrescentou dirigindo-se aos padrinhos do seu adversario.

«Creio que nada mais tenho aqui a fazer: retire-me.»

Ficaram os quatro padrinhos e o medico em volta do ferido, sendo baldados todos os esforços que se empregaram para o chamar á vida.

O golpe, atravessando-lhe o pulmão, determinára uma morte instantanea.

O sr. Dillon deixa sua mãe e uma irmã de quem era o seu unico arrimo. Tinha trinta e dois annos de idade. Ao seu trabalho e intelligencia devia ter chegado a figurar como especialista no journalismo parisiense, depois de se applicar seriamente ao estudo da lingua franceza. Dillon era americano.

Caprichos da natureza.—Um auctor d'istoria natural, quando trata das monstruosidades, conta o seguinte facto:

Nasceram na Hungria duas meninas gêmeas, Esther e Judith, eram os seus nomes.

Estas duas meninas foram mercadas por um sacerdote, e mandadas educar n'um convento em S. Petersburgo, aonde estiveram até á idade de 20 annos.

Reunidas somente pelos rins, todas as outras partes de seu corpo eram perfectamente livres. Tinham um só anus e portanto uma só e mesma vontade para satisfazer as suas necessidades.

Mas não acontecia o mesmo do lado opposto; cada uma tinha as suas partes sexuaes bem distinctas, bem conformadas, e deviam necessariamente ter necessidades pessoas, o que foi sempre motivo de disputas; porque, quando uma sentia precisão d'ouirinar, a outra e sobre tudo Judith, mostrava-se pouco condescendente, e não acompanhava sua irmã senão com mostras e signaes de mau humor.

Judith cahiu enferma da idade de seis annos, de cuja molestia ficou paralytica. Esther, ao contrario, tornou-se mais bella, alegre, e espiritosa.

Os signaes da puberdade manifestaram-se ao mesmo tempo nas duas irmãs.

Aos vinte e dois annos Judith foi accommettida d'uma febre que a levou á sepultura. A infeliz Esther foi obrigada a seguir a sua companheira inseparavel.

Tres horas depois era tambem cadaver.

Infanteido.—Lê-se na «Revolução de Setembro»:

O activo regedor da freguezia da Magdalena foi esta manhã chamado a tomar conhecimento da apparição no Terreiro do Paço do cadaver de uma criança recém-nascida.

O cadaver estava todo mutilado, e parecia

que os cães haviam andado com elle de volta. Um panno esfarrapado o cobria ainda em parte, e, pelo exame a que se procedeu, reconheceu-se que a Barbara mãe, que assim abandonou seu filho no meio de uma praça entregue a bruteza das irracionaes e aos rigores do inverno, o havia dado á luz poucas horas antes.

Quem seria esta mãe desnaturada e criminosa, que talvez para encobrir um outro crime, assim fez trucidar barbaramente o fructo de suas entranhas, sem que a voz do sangue, quando não fosse a do amor ou a da religião, lhe sustivesse o braço que arremessou de si o infeliz innocente?

Não se lembraria esta mulher que as sociedades christãs crearam as misericordias, para evitar que os filhos de ligações criminosas sejam sacrificados pelas mães n'um accesso de tardio arrependimento, porque não ha crime mais atroz e horrroso que o das mães que matam seus filhos?

Todo o rigor, que a justiça imponha a feras d'estas, é pouco para crimes taes.

A escuna Lazarim.—No dia 6 de outubro, entrou a barra de Gôa, a escuna a vapor *Barão de Lazarim*.—Diz o *Phenix de Gôa*, que é o primeiro vapor portuguez, que entra a barra, por onde entrou Affonso de Albuquerque ha tres seculos.

A escuna vai concertar a Bombaim, e depois volta para Moçambique.

Pleito curioso.—Nos tribunaes de Berlin está correndo um processo extravagante. Discute-se por desigualdade de classes sobre a validade de um matrimonio contraído em 1848 entre o conde S... e a filha de um sargento da guarda, a qual estava empregada no corpo de baile da Opera.

O tribunal supremo de Berlin havia declarado valido o matrimonio, fundando-se em uma lei do anno de 1746, em que os sargentos e seus filhos são declarados iguaes á classe media superior; mas esta sentença foi annullada, e o processo está de novo a ser julgado.

O demandado, filho da condessa S... expõe que sua mãe dançava solos, e que por tanto era artista que pertencia á classe superior. De sorte que a validade do matrimonio dependerá de se saber se aquella dama bailava com mais ou menos perfeição.

A lei sobre casamentos tantas vezes apresentada, supprime estes inconvenientes absurdos de desigualdades de classes, mas a camara das senhoras nunca a quiz approvar. As damas são assim em questões de legislação.

É notavel.—Dizia-se em Lisboa, que fallecera em Cabo Verde D. Francisca Pereira, hospeda de D. Francisca de Judicibus, implicada nos crimes de moeda falsa, e do assassinato da rapariga, cujo cadaver appareceu em Rio Seco, e que ainda hoje se ignora quem fosse!

Ha tempos noticiou-se a morte D. Joanna de Judicibus, viuva de D. Francisco de Judicibus, que se achava em Cabo Verde cumprindo de gredo. Depois annunciou-se tambem a morte de João Crós, subdito francez, que tomou parte activa no negocio da moeda-falsa, e a cujas mãos acabou, em casa de Judicibus, a infeliz rapariga acima referida.

A cerca destas mortes successivas em pessoas que encerravam o mysterio do assassinato d'aquella desgraçada rapariga, ao passo que conheciam os individuos implicados na moeda-falsa, correm apprehensões de que houve propinação de veneno.

Como quer que seja, estas mortes são factos positivos; porém, quem poderá decifrar semelhantes mysterios?!

(Braz Tisana.)

Viva ou morta?—(Do «Vimaranense».) A exm.^a sr.^a D. Antonia Amelia Pinheiro da Silva Rocha de quem já demos uma local, debaixo da epigraphie — *Raro accidente* — morreu na madrugada de sexta-feira para o sabbado na Povoia de Varzim.

Como já tivesse acontecido, esta menina, havia quinze dias, ter sido considerada morta e no espaço de trinta e oito horas viver, tendo-se já ordenado o funeral etc. sua familia conservou-a em casa o dia do sabbado, e o domingo até ás trindades: porem vendo que ella não voltava a si resolveu mandal-a para esta cidade por quatro homens.

Chegou com effeito aquí pelas seis horas da manhã do dia de hontem, e ás 11 teve o funeral, e todas as ceremonias da sepultura. Porém, principiando-se a espalhar que a *defunta estava viva*, o digno administrador ordenou que ella não fosse enterrada, sem que previamente se procedesse a um minucioso exame, alim ordenou que se não enterrasse sem que o cadaver estivesse no estado de putrefacção.

Foi então o cadaver levado para o hospital de S. Francisco d'esta cidade, e depositado n'uma cama, coberto com a roupa necessaria, etc. e duas enfermeiras para velarem junto do corpo *mysterioso*.

Nós cremos que a exm.^a sr.^a D. Antonia goza o somno eterno; ha porém alguns sintomas que nos apresentam signaes vitaes. Verdade é que nós somos completamente estranhos na sciencia medica, porém em o nosso humilde entender julgamos que as apparencias são vitaes; com tudo cremos que a exm.^a sr.^a D. Antonia Rocha vive com os anjos.

As apparencias são:
Flexibilidade de nervos.
Beijos com côr natural. Carnes das faces moles.
Meninas dos olhos sem nevoas e as palpebras flexiveis.

Orelhas encarnadas, e ao tocar-se-lhes parece fugir-lhes o sangue, que novamente volta, e finalmente o corpo não no estado de putrefacção, havendo já cento e cincoenta e tantas horas que o corpo está considerado morto!!...

Grande numero de gente correu hontem para as Capuchinhas afim de ver a *defunta viva*, até que foi myster mandado-se fechar a porta do templo, não só para evitar a pouca reverencia com que a gente em multidão ali estava mas tambem porque todo o mundo queria tocar na defunta.

Uns esfregavam-lhe as pernas, outros apalpavam-lhe o pulso, etc.

Gostamos então d'um dito a proposito d'uma creancinha de oito annos, pouco mais ou menos, a quem lhe perguntamos se a *defunta estava viva*, ao que ella respondeu: — Se ella estivesse viva, já aquella gente a tinha matado.

ALCANCE

TELEGRAPHIA ELECTRICA

(Ao Commercio do Porto)

LISBOA 26 A'S 9 H. E 50 M. DA MANHÃ

Paris 23.—Foi extrahida, com felicidade, a bala a Garibaldi.

CORREIO

Faltou-nos carta do nosso correspondente de Lisboa.

Novidades politicas não as ha, mas correm boatos que cada um quer fazer acreditar como certos, que brevemente as teremos e bastante transcendentes.

Entre estes boatos vai tomando vulto o da proxima dissolução da camara dos srs. deputados. Se o governo adoptar ou não esta grave medida politica, é por ora ponto muito duvidoso, e nós não reccamos mesmo classificar a adopção d'ella na actualidade, e depois do addiamento, como anti-politica, pouco conveniente e talvez mesmo perigosa.

Os jornaes que hoje recebemos dizem que o sr. Fontes Pereira de Mello se recusa a aceitar a embaixada de que o queriam encarregar; outros desmentem mesmo que o governo tal vontade tivesse.

Muitos confiam nos bons resultados politicos da nova «Sociedade Progressista» onde se tem filiado a maior parte dos amigos do actual governo. Ha outros que asseveram que esta Sociedade é um centro de opposição ao presidente do conselho de ministros, o que nós não acreditamos, porque a ser assim, revelava desarmonia entre os membros do gabinete e seu chefe, e muito se havia de sentir o andamento das coisas publicas com uma tal desintelligencia. Não cremos mesmo na effcacia politica d'esta nova Sociedade.

No que nós acreditamos, e o que os factos nos estão patenteando, é na maior divisão do grande partido liberal, esquecendo-se os nossos politicos, que da união vem a força.

Tambem consta que o sr. conde de Thomar fizera uma reunião politica com o fim, dizem, de reorganizar, ou apurar o seu partido.

A opposição pela sua parte não se desceida de chamar ás armas os seus adeptos para promptos darem batalha ao governo.

Corria em Lisboa com mais alguns visos de certeza que o sr. duque de Loulé tinha copseguido de El-Rei — o reconhecimento do seu casamento com a fallecida infanta a sr.^a D. Anna — E' a mais importante pretensão do sr. duque, pretensão que elle sempre teve já com o sr. D. Pedro 4.^o; depois com a sr.^a D. Maria 2.^a e ultimamente com o sr. D. Pedro V.

Ha quem assevere que o sr. duque de Loulé conseguindo isto, quer mostrar, que a sua intimidade e influencia com o soberano cada vez é mais.

No «Diario de Lisboa» de 25 do corrente appareceu a carta regia na qual S. M. El-Rei agracia por occasião do seu casamento seu augusto irmão o sr. infante D. Augusto com as bandas de gran-cruz das duas reaes ordens militares portuguezas de Nosso Senhor Jesus Christo e S. Bento d'Aviz.

O «Commercio do Porto» d'hontem no seu noticiario diz que o sr. Molard, que é um dos directores da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, e que veio inspecionar a linha do norte, já regressou a Lisboa, tendo examinado detidamente a parte da linha das Devezas a Estarreja, que nos consta será aberta á exploração no dia 8 de dezembro, por ser este dia o da festa da padroeira do reino.

ANNUNCIOS

A Comissão Promtora dos festejos do dia 1.^o de Dezembro, deliberou solemnizar o anniversario da gloriiosa independencia nacional, e previne a todas as pessoas que quizerem associar-se-lhe, contribuindo para commemorar o mesmo dia, que o seu thesoureiro é o sr. Agostinho Pinheiro, a quem podem ser entregues as quantias com que se dignarem subscrever.

A mesma comissão tendo rezolvido fazer cantar um «Te-Deum» em commemoração ao estrondoso acontecimento,

que restituiu a Portugal a independencia, convidá todos os habitantes d'esta cidade a comparecerem na igreja da sé cathedral na proxima segunda-feira pelas 2 horas da tarde, a fim de tomarem parte na cerimonia religiosa, e dar-se graças ao Todo Pedroso por fazer deste paiz um povo livre e generoso.

Outrosim espera a comissão que todos os aveirenses illuminem as suas fronteiras na noite do referido dia.

O **conselheiro Adriaõ Pereira Forjaz**, de Coimbra, ha de arrendar até ao proximo natal, os ilhotes do Amoso, e Gallega, na ria de Aveiro, e freguezia de S. Julião de Cacia, cujo rendeiro tem sido Manoel José da Silva Valente, do lugar de Pardelhas. Aceita lanços sobre o de 75\$000 rs., livres de todas as contribuições.

Pelo cartorio do escrivão Gusmão, correm editos de dez dias, a requerimento de Joaquim dos Santos, da Povoia, chamando todas as pessoas que se julgarem com direito á quantia de 45\$826 rs. existentes no deposito publico, pertencente a Manoel Abbade, da Costa.

Antonio Pinheiro, recoveiro, parte d'esta cidade para a de Lisboa no dia 10 de dezembro proximo; encarrega-se da condução de passageiros, e encomendas.

Pouza, nesta cidade, no Terreiro, em casa do ex.^{mo} sr. João Carlos do Amaral Ozorio,

A folhinha ecclesiastica propria do bispado d'Aveiro, acha-se á venda nesta cidade na loja de Bento d'Amorim, na Praça,—em Avelãs de Caminha na residencia do rd.^o parcho,—no Pinheiro da Bemposta, em casa de F. J. Marques,—preço 140 réis.

O PROVIR DAS FAMILIAS

76.000 socios

COMPANHIA MUTUA DE SEGUROS DE SUPERVIVENCIA

Para formar dotes, ou outras provisões sendo garantida sua administração pelo capital de 1.500 contos

Esta acreditadissima Companhia segue seu caminho de prosperidade; e são prevenidas as pessoas que nella desejarem interessar-se, que ainda podem entrar, de modo que venham a fruir odas as vantagens, dos que se associaram em aneiro deste anno, que fica logo vencido.

Para mais detalhes podem dirigir-se a Agostinho Duarte Pinheiro e Silva, correspondente da Companhia em Aveiro, ou ao sub-director geral no Porto.

Tambem toma seguros contra incendios para a Companhia União, assim como maritimos.

ROBERTO

OU

A DOMINAÇÃO DOS AGIOTAS

POEMA HEROE-COMICO EM 9 CANTOS

POR

Manoel Roussado

(Parodia ao notavel poema de Thomaz Ribeiro — D. JAYME OU A DOMINAÇÃO CASTELLA)

Deve sahir á luz até o fim do corrente mez.

O REPORTORIO REI DOS REPORTORIOS

PARA O ANNO DE 1863
PREÇO 20 RS.

Sahiu á luz este excellente re-

portorio, e acha-se á venda no Porto, na livraria de Jacintho Antonio Pinto da Silva, rua do Almada n.^o 154.

A FREIRA ENTERRADA EM VIDA

OU

O CONVENTO DE S. PLACIDO

Romance historico e original de Garcia Sanchez del Pinar, traduzido livremente do hespanhol por Porphyrio José Pereira

EDITOR:—JOSÉ MARIA CORRÊA SEABRA

PREÇO DE CADA TOMO 500 RÉIS.

Não apparece desde os «Tres mosqueteiros», vinte annos depois, Visconde de Bragellone, romance mais enredado e interessante do que a «Freira enterrada em vida ou o Convento de S. Placido.» Pelo jogo de lanças, complicações, movimento, e inesperadas situações da acção, desenvolvida com a maior verdade historica e ao mesmo tempo com todos os recursos de uma prodigiosa imaginação romantica; este romance é considerado como uma das obras mais celebres da litteratura moderna, proprio para aprender uma época.

Os Tres volumes que formam a obra completa, acham-se desde já á venda em Lisboa na Typographia Universal, rua dos Balafates, 110, e em todas as lojas do costume. No Porto em casa do sr. Jacinto A. P. da Silva.—Em Coimbra na do sr. José de Mesquita, e nas principaes terras do reino e ilhas.

Para as localidades onde não haja correspondente, serão remetidos francos de porte a quem enviar a sua importancia por meio de vale do correio ou em estampilhas, ao editor—José Maria Corrêa Seabra—Lisboa.

O comprador que apenas deseje tomar por tomo, goza da liberdade de os comprar á proporção que os fôr querendo.

ALMANAK AVEIRENSE
PARA O ANNO DE 1867
POR
José Reynaldo Rangcl de Quadros Oudinot

Acaba de publicar-se este interessante Almanak, e acha-se á venda nesta cidade, na Rua dos Mercadores, n.^o 5, loja;—em casa do encadernador José Maria Sariva, na Rua Direita, junto á botica;—na morada do autor, — e nas mais lojas do costume das principaes terras deste reino.

Contendo, além do kalendario, — as estatísticas do districto e bispado de Aveiro — mercados e feiras em todoeste districto, — e muitas outras curiosidades, etc. etc. etc.

PREÇO 120 RS.



PARA A BAHIA

A BARCA

BAHIANA

CAPITÃO JOSÉ DOS SANTOS LESSA JUNIOR

Sahirá com muita brevidade. Para carga e passageiros, tendo para estes excellentes commodos, trata-se com Joaquim Lourenço Alves, Porto rua Reboleira n.^o 19.

RESPONSÁVEL:—M. C. da Silveira Pimental

Typ. do Districto de Aveiro.